

Mulheres no desenvolvimento da Química: um breve levantamento

Tatiane Aparecida Silva Rocha¹(PG); Natália Pereira Marques¹(PG); Vanessa Freitas Santos¹(PG);
Cinara Aparecida de Moraes¹(PG); Alexandra Epoglou²(PQ)

¹Universidade Federal de Uberlândia/Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (UFU)

²Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (UFU- FACIP)

*tatiane.rochasilva@hotmail.com¹

Palavras-Chave: Mulheres, Sociedade, Química.

Introdução

A química como as demais ciências exatas, era considerada um “clube do Bolinha”¹. Nas primeiras décadas do século XX, a ciência estava culturalmente definida como uma carreira imprópria para as mulheres², que eram vistas com uma intelectualidade inferior aos homens¹.

Tendo em vista nossa inquietação acerca das poucas referências às mulheres para o desenvolvimento da ciência, desenvolvemos, ainda no curso de Licenciatura em Química, na disciplina de História da Química, um levantamento em livros de História da Química e artigos da Revista Química Nova na Escola.

Acreditamos que, mais do que satisfazer nossa curiosidade, os dados obtidos, bem como as discussões que se seguiram possibilitaram ampliar nossa visão sobre a influência da sociedade no desenvolvimento da ciência e vice-versa.

Resultados e Discussão

A alquimia foi praticada eminentemente por homens, entretanto algumas mulheres se destacaram³. Em Alexandria, Maria, a judia, é considerada a mais famosa, contribuindo para o desenvolvimento de novos equipamentos, como de aquecimento “banho-maria” e destilação, utilizados até os dias de hoje.

Destacamos ainda duas alquimistas; i) a chinesa Keng Hsien-Seng, que utilizava um tipo primitivo de Soxhlet para extrair cânfora de soluções alcoólicas; ii) outra com o nome da família Fang, que realizou a estudos e testes de como transmutar mercúrio em prata. Mas, em vista da posição submissa observada na sociedade, seu marido a agredia e torturava, a fim de esconder seu segredo. Registros levam a crer que a contaminação por mercúrio a levou à loucura e ao suicídio³.

Já no início da Química Moderna, citamos duas francesas do século XVIII: i) Madame Lavoisier, que após o seu casamento interessou-se pela ciência, participando de trabalhos no laboratório, traduziu inúmeros livros, bem como trabalhos em diferentes línguas, demonstrando um sólido e profundo conhecimento da química, tornando-se uma excelente desenhista; ii) Claudine Picardet casada com Louis Guyton, do mesmo modo, traduziu inúmeros textos em diversas línguas e foi assistente

de laboratório de seu marido.

Marie Curie foi a primeira mulher cientista a receber dois prêmios Nobel. Em 1911, Marie Curie perdeu por um voto o acesso à Academia de Ciências da França por ser mulher, por ter uma possível ascendência judaica e por ser polonesa². O primeiro prêmio Nobel recebido foi dividido com seu marido Pierre e Henry Becquerel por suas pesquisas de radioatividade. Já o segundo, traz o reconhecimento da comunidade científica por seus serviços em nome da ciência e da descoberta do rádio e polônio. Também foram reconhecidas com o Nobel: i) Irène Joliot-Curie, filha de Marie Curie, devido à síntese de novos elementos radioativos, em 1935 e ii) Dorothy Mary Crowfoot Hodgkin, por seus trabalhos na determinação estrutural de várias moléculas biológicas como a B₁₂, penicilina e insulina, em 1964.

Tendo em vista que muitas mulheres contribuíram para a construção da ciência que temos hoje, defendemos a necessidade de novas pesquisas que identifiquem sua participação ativa. Assim, em vez de curiosidade ou de estranhamento, passaremos a entender melhor a posição da mulher na sociedade.

Conclusões

Ainda que timidamente, levantamos um número considerável de mulheres que desempenharam um importante papel no desenvolvimento da ciência. Todavia, mais do que satisfazer uma curiosidade ingênua, a análise da participação feminina pode suscitar discussões interessantes com os alunos em formação, sobretudo no que tange a interface ciência-sociedade e algumas concepções sexistas bem arraigadas até os dias de hoje.

Assim, além de Marie Curie, outras mulheres também podem passar a fazer parte das aulas de história da química.

Agradecimentos

A UFU, a FAPEMIG, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

¹Farias, R. F. **Para gostar de ler a História da Química**. São Paulo: Editora Átomo, 2008, p. 13-18,57-62.

²Chassot, A. **Nomes que fizeram a química e quase nunca são lembrados**. Química Nova na Escola, São Paulo, 1997, v. 5, p. 21-23.

³Farias, R. F. **História da Química**. Campinas: Editora Átomo, 2007, p. 69-71.